

## OS CINCO E A AVÓ TITA

*JOGOS – VERSOS E REDACÇÕES para todas as idades* de Teresa Rita Lopes; desenhos de Mário Botas

*Os (outros) Cinco Salvaram o Tio* (Enid Blyton, lembram-se?). Estes *Cinco Primos* (os de Teresa Rita Lopes em *Jogos – Versos e Redacções*) salvam a avó (Tita) de se tornar uma-senhora-de-idade. Ao ler no livro a redacção que o encerra ficamos a saber como e porquê.

*Eu gosto muito de ser avó. Eu e os meus netos somos grandes parceiros em lides e passeios. Mas, às vezes, gosto de ficar calada à beira deles, como quem guarda um rebanho. Ouço-os pastar e crescer. E é como se eu fosse a erva que pastam.*

Esta avó (que assim redige esta redacção sobre “A Idade”) e estes netos (exploradores de lavoura, jardinagem e tarefas da escrita) vivem noutra espaço e noutra tempo: longe da cidade, em Cacula ou na Fonte do Sol (*Quem sabe na cidade descobrir no céu os planetas?*) e estão de férias... (*Em férias há mais vagar para os afectos.*) O tempo presente é – palavras de Teresa Rita no papel de avó – o do *calcetar* com *seixos*, *conchas* acumuladas num *velho balde* (*achados de uma vida*)

*uma estrada em que os meus passos de hoje regressam/ aos meus passos de ontem/ ou melhor: em que os meus passos de ontem/ continuam a ser os meus passos de hoje.*

Mas há mais razões para se ficar sem-idade, em estado de pergunta, isto é, em estado de poesia. Por um lado, os *Cinco Primos* partilham com Vó Tita o esconderijo deles (*Fui convidada a entrar/ prometendo guardar segredo:/ sou a única pessoa grande admitida*); por outro, a Vó Tita aceita partilhar com eles o seu esconderijo. Desenha poesia *à vista*, *retratos em verso* a pedido dos netos. Não para lhes *agradar* mas para os *contentar*: para satisfazer o apetite de poesia nos mais pequenos (aqueles a quem tanto tememos não ver lendo... mesmo que nós adultos não leiamos nem tenhamos tempo para lhes ler). Quer vê-los *contentes*, põe-lhes as férias em verso, enche-os de conteúdo, alimento, coisa de avó: *come-os com beijos*, *dá-lhes a beber as sílabas*...

Vó Tita – que nunca terá pensado fazer *versos a pedido* – *condescende* e cozinha para os netos – por sua vez *apetitosos frutos da horta* – poemas que *devoram* ao *lanche*. Há até quem chore (a Inês!) quando *a Mãe a impede de madrugar com os mais velhos/ para jardinar:/ «Assim a Vó Tita não me mete nos poemas!»*

Contado deste modo, *Jogos – Versos e Redacções* parecerá um livro de aventuras. Sirva-se como tal. Mas estes *Jogos* podem também ser levados à cena: dê-se aos poemas voz, copiem-se as redacções. *Ponto final, data e nome*. E no terreiro dessa brincadeira jogue-se – nas entrelinhas do texto, nos intervalos das aulas – às cinco pedrinhas, aos cinco cantinhos, ao anel ou ao pião. Cantem-se *faluas*, *pombinhas*, ah, ah, ah, *minha machadinha*. *Cabra-cega donde vens?* Dos recreios de antigamente. Estes *Jogos* servem-se também assim, à maneira da poesia tal como Teresa Rita Lopes a entendia no início dos anos 80 em entrevista a Leonor Neves no jornal *A Tarde* clamando que *A Palavra Busca o Gesto, o Salto, o Voo*:

*A poesia não tem de quê, nem para quê, nem para quem. É uma necessidade do ser, como o jogo, o canto. Pode-se viver sem isso. Mas também está provado que os seres que crescem sem amor e sem brincar crescem mal, atrofiados ficam para sempre. Ao princípio, a poesia acontecia como expressão indissociável do canto ou da dança, ou de ambos. O livro, se por um lado veicula, por outro falsifica. O livro deveria ser só o ‘libretto’. Não se bastar a si próprio. A poesia que verdadeiramente o é*

*escapa-se da prisão das páginas e vai pelo mundo à procura de vozes para se manifestar, de espaço para ecoar.*

*Jogos – Versos e Redacções* de Teresa Rita Lopes com desenhos de Mário Botas devolve a voz à natureza agora emudecida, outrora grande faladora. Segundo uma lenda antiga, na noite de Natal, os animais falaram por um momento e depois calaram-se... e nesse instante messiânico a fala da fábula deu lugar ao mutismo da natureza.

Até que chegam poetas e versos que *brotam silenciosamente/ por todos os ramos/ por todas as frestas/ dos dedos e das pedras que cobrem o humilde chão que somos*, versos parentes de fala de pássaro (*o Pipocas ou o Pipinho/ os periquitos da Inês/ e da Sofia respectivamente*), versos que devolvem aos seres mudos o dom da linguagem, versos que devolvem às *ervas ruins, daninhas*, o direito ao grito de protesto: «--*Também temos direito à vida!*»

Animismo, dirão os entendidos. Poder-se-ia – a propósito deste livro – falar da juricidade de todos os elementos da natureza de que é notável exemplo o texto do Padre Manuel Bernardes, *O pleito com as Formigas* que relata a forma como os Religiosos Menores da Província do Maranhão puseram *demanda às irmãs formigas* daquele terreno depois de estas terem invadido abusivamente o domínio do convento. A acção foi colocada *perante o tribunal da Divina Providência*, sinalando *procuradores, assim por parte dos monges-autores como das formigas-rés*. Tanto tinham estas rés-formigas direito a ser defendidas como têm *as ervas ruins*, na poesia de Teresa Rita, direito a ser ouvidas...

Segundo Claude Allègre, “existe um *direito* dos animais, um direito das árvores e, porque não, um direito das pedras e das paisagens. Quando se destrói uma espécie, quando se corta uma árvore, deve-se *ser levado a tribunal e condenado*, em virtude de um direito da natureza que se impõe hierarquicamente aos do homem, uma vez que este não passa de um subproduto seu.”

Animismo, dirão os entendidos. Poesia! dizem *Os Cinco Primos* quando descobrem que a poesia tem afinal uma função: *Os Cinco Primos perceberam que a Poesia/ Dava melhor a entender as coisas./ Ouvir contar/ dessa forma os nossos diários gestos mais simples/ dá-lhes valor de verdadeira aventura.*

Numa obra intitulada *Enfance et Histoire*, Giorgio Agamben aponta a incapacidade actual de conversão em experiência dos acontecimentos (atrozes ou divertidos) da vida quotidiana. Ora o quotidiano era antigamente a matéria prima da experiência que cada geração transmitia à seguinte: “Todo o acontecimento, por mais banal e insignificante que fosse, se tornava a impureza minúscula em torno da qual se cristalizava, como uma pérola, a autoridade da experiência.” Daí... o desaparecimento da máxima e do provérbio enquanto formas nas quais a experiência se depunha em autoridade. O slogan, segundo Agamben, é o provérbio de uma humanidade que perdeu a experiência. Acrescentaria que mesmo nos provérbios hoje sobreviventes a própria sabedoria parece fossilizada...

*Jogos* é sinal de que, pelo menos, alguns humanos não perderam a experiência e de que a infância é, à maneira de Agamben, a “eterna guardiã do que merece sobreviver”. *Jogos*: poesia contra o slogan, a favor de jogos que não os de computador (“letras com pilhas” chamava-lhes um menino de três anos...; curiosamente, *pilhas* são, no vocabulário infantil, rondas e fórmulas de selecção); poesia contra aquela “ginástica pedantesca dos aparelhos” que em 1883 Adolfo Coelho combatia propondo em seu lugar a já defendida por Leibniz “aguda e inimitável força de invenção que se acha nos jogos tradicionais”, a favor de brincadeiras de meninos que cantam e dançam para se distrair. “O puro domínio do jogo”, escrevia Adolfo Coelho exclamando (ao modo da

neta condoída com a pouca sorte das *ervas más*): *Não arranquem à infância o que lhe pertence!*

Recuperada a infância (Fernando Savater) pela via de poesia que apesar de posta-em-livro continua a não ter idade – como de resto o Senhor Manuel que *tem praí uns noventa/ anos/ (ele não sabe ao certo)* – passam a conviver na página estrelas, constelações, ervas nem sempre benfazejas, animais (peixes enquanto “ementa” e não bicho vivo), chás, tisanas, comidas. E fica o livro ora a afastar a prática de *imobilizar borboletas com alfinetes/ em páginas de álbum!*, ora a convocar um herbário (ressuscitado para a poesia por Jorge Sousa Braga): *Só quando dizemos o nome/ das coisas elas verdadeiramente acordam/ para a vida.*

*A maior parte dos meninos de hoje sabe/ poucos nomes das coisas essenciais/ (...)/ Aqui na horta de Cacela saboreamos/ nomes de coisas que não há na cidade/de plantas que plantámos de árvores a que/ colhemos os frutos*

Terminemos junto ao *Tanque da Horta transformado* pelos cinco primos *numa empresa familiar* e onde a Inês *declara aberto um restaurante*. (Aos leitores da minha geração ocorrerá o sabor a pão quente e ovos frescos das quintas onde *Os Cinco* se abasteciam antes da aventura). Neste mercado da imaginação e do entusiasmo, um terreiro (não um palco, conforme proposta já antiga de Teresa Rita), brinque quem lhe apetecer devorar poesia *ao lanche*. *O mel dos versos* far-lhe-á proveito.

Ana Paula Guimarães